

QUINTA-FEIRA
Lisboa --12 de Janeiro-1928

5 TOSTOES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissao de Censura



sempre **36**
five *semanario humoristico*

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

FEIRA DA LADRA



— Então o cavatheiro não compra nada?
— Só tem bugigangas, coisas que já não se usam...



Os ditos da semana



Lisboa Lisboa é a cidade das coisas extraordinárias. É uma cidade paradoxal e incompreensível.

O Cais das Colunas não tem colunas e o Arco de Santo André não tem arco. A estatua do Marquez de Pombal, tem pombal mas não tem Marquez. Na Avenida da Liberdade, quando calha, cruzam-se arames de arvore para arvore e deixa de haver liberdade de passagem.

Os cemiterios são dos Prazeres e de Benfica, como se não fosse uma arrelia lá ficar, e mal, por sinal. No Camões ha uma arvore que dá passarinhos, mas os passarinhos não caem nunca de maduros. A rua da Boa Vista fica metida no fundo dum poço, sem vista nenhuma, e do Arco do Cego vê-se meia Lisboa.

Ha um teatro que é da Trindade e afinal só lá tem duas pessoas distintas que são D. Lucilia Simões e o sr. Erico Braga.

Faz-se a Semana dos Artistas e aquilo que os artistas fazem nessa semana é tudo, menos arte. Em compensação na semana dos hospitais trabalharam os artistas de teatro.

Lisboa é um jardim à beira mar plantado—e o mar é um rio e o jardim é o entulho que vai por todo esse aterro abaixo, até Belem.

O Jardim da Estrela é jardim, mas não ha ninguem que seja capaz de de lá vêr uma estrela. De dia tem as arvores que tapam o céu, e de noite está fechado e sem estrelas, mesmo de revista.

O Poço dos Negros não tem negros, o Poço dos Mouros não tem mouros, e o Poço do Bispo não tem poço nem bispo.

Ha uma Patriarcal sem patriarca, e, pelo contrario, um Campo de Santana sem Santana mas com Patriarca.

É só o Campo Pequeno está certo e a caracter. O Campo Pequeno é efectivamente pequeno.

Loie Fuller Loie Fuller que acaba de falecer em Paris esteve ha anos em Lisboa. O publico, que em materia coreografica pouco ia além da valsa a trez tempos, deixou se levar pelo reclamo dos jornais até o teatro Republica, sem saber bem o que ia vêr.

Falava-se num rancho de raparigas formosas que dançavam quasi nuas e afirma-

va-se que aquilo era muito bom, tanto bastando para que o teatro tivesse uma enchente à cunha.

Perante um espectáculo que não compreendia e uma duzia de crianças traquinas e vaporosas que não dançavam se quer uma polka janota, o publico começou a tossir, a impacientar-se e, sem perceber que estava pateando a sua propria estupidez, irrompeu numa tempestuosa pateada que Loie Fuller, acarinhada por todas as plateias cultas, compreendia tão pouco como o publico a compreendia a ela.

As poucas pessoas entendidas que lá estavam espumavam de indignação, mas ninguem levantava um braço num gesto de desafronta. E a pateada eternisava-se. Então um homem se ergueu na plateia beran e o espanto de todos Era Carlos Amaro, e amando em altos gritos, nas boenechas dum burguez pantafalado:

—Tragam uma espanhola gorda para este senhor.

Loie Fuller morreu. Sabe o já o mundo inteiro. Quando o outro morrer talvez se não saiba sequer na sua rua.

Os Franjes Orgãos Na tarde de domingo houve duas partidas sensacionais: uma de *foot-ball* no Stadium do Lumiar e outra no *Diario de Noticias*.

A do grande órgão de informação, não foi de *foot-ball*, mas nem por isso deixou de ser tambem sensacional.

Foi a partida que o jornal *Os Sports*, fez ao seu progenitor, apresentando se raquitico, enfesado, com grandes olheiras brancas, entre as gravuras da primeira pagina e com uma inchação de anuncios que lhe tomava quasi pagina e meia.

Aquilo foi um abortosinho que o órgão deve conservar dentro dum frasco de alcool, para estudo de jornalistas. Nunca se viu uma coisa assim. Duma montanha saiu um ratinho.

O recém-nascido não apresenta condições de vida. Acusa uma anemia tão assustadora, no descolorido das faces que nem deixa conhecer as feições,

Chega a parecer impossivel que os grandes órgãos toquem tão mal...

As tripas de Tut-Ank-Amon Dizia se antigamente, que a morte era um descanso e parece que efectivamente assim era. Uma pessoa mor a esquecia. Não talava nem mexia. Não lhe mexiam, nem falavam mais deia. Porque estava debaixo da terra e tinha tido o cuidado de deixar em cima da dita, a parentes e adherentes, todos os seus bens,

estava o morto livre de ser roubado. Quem poderia querer um cadaver apodrecido ou uma mumia esterlicada, reduzida à pele e ao osso, sem aplicação pratica? Pois hoje tudo mudou.

Passaram milhares de anos sobre a sua morte e Tut-Ank-Amon, que se tinha esquecido de deixar os intestinos à familia, viu o tumulto violado e as proprias tripas roubadas, como se elas ainda estivessem em condições para cosinhar uma dobrada à portugeza, o que tornaria perfeitamente explicavel o roubo, nastes tempos de carestia da vida que vão correndo. Roubaram lhe as tripas e, Tut-Ank-Amon, fazeado das tripas coração, conservou-se morto e impassivel no fundo do tumulo, como se aquela violação não fosse de fazer revolver as tripas a qualquer mortal, mesmo sem ser pharaó.

Extripado, dorme o seu sono eterno, lamentando talvez que os gatunos lhe tivessem levado exactamente aquela parte da carcassa que mais util lhe poderia ser para nm gesto de desatronta. Previdentes ladrões...

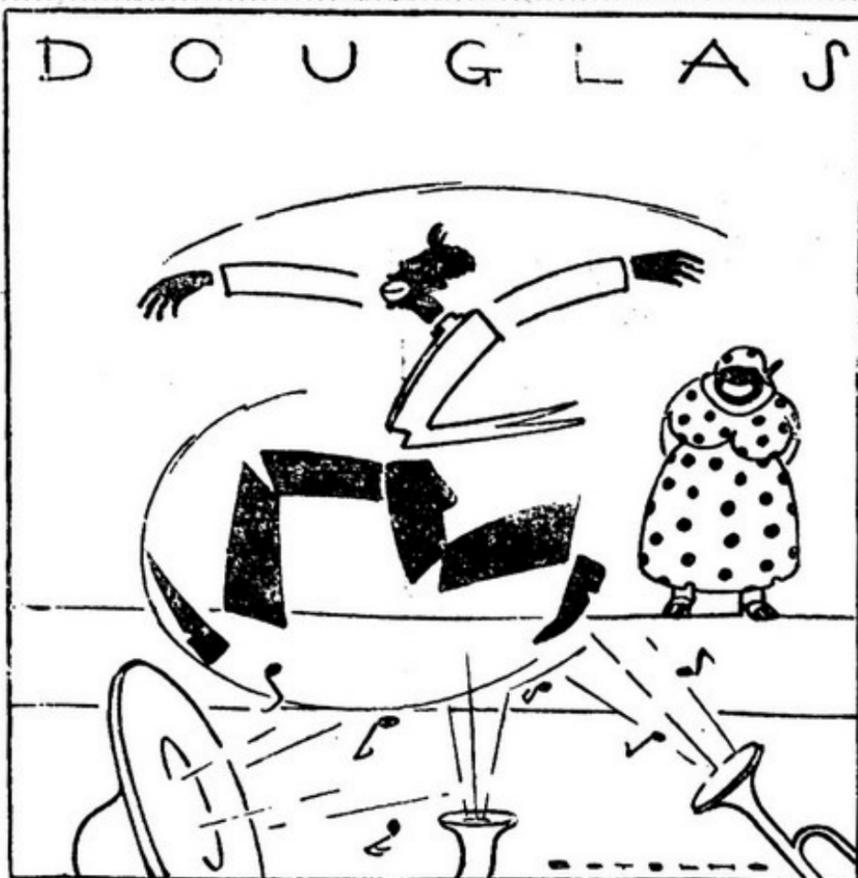
Combate de box Dois *boxeurs*, que nunca podem esquecer se de que o são, tendo-se travado de razões, como não tivessem contracto nenhum, numa das noites da semana passada, foram dar espectáculo ao café Abadia.

Por falta de *ring*, tiveram de travar o combate, ali mesmo, no meio da casa, entre mezas, cadeiras, garrafas e chavenas de café, que se partiram, quando, no auge do entusiasmo, começavam a bater umas nas outras, que é a unica maneira que teem as chicaras, as cadeiras e outros trastes de dar palmas.

Avaiou-se em 400 escudos o prejuizo e, pela primeira vez se deu o facto extranho, do publico ter espectáculo de graça, tendo os *boxeurs* de entrar em despezas e, o que ainda é mais extraordinario, acabaram por ser presos, como se não tivessem pago ou se tivessem recusado a trabalhar.

E assim os dois *boxeurs*, que estavam acostumados a receber continhas caladas no fim dos seus *matches*, desta vez receberam, apenas—um, os aplausos dos circumstantes e o outro, curativo no hospital de S. José.

Sempre é receber...



O 1.º bailarino da "Revue Nègre,"...

BOM HUMOR

A senhora:—Queres ajudar a minha criada a rachar lenha? Dou-te cinco mil réis.

O trabalhador:—Quero vê-la.

—A lenha?

—Não; a criada!

Rivalidade infantil:

Joana:—Peguei ontem na cauda de uma noiva.

Susy:—E eu servi de testemunha num processo infantil...

Dois horas da noite, á porta fechada duma farmacia. O respectivo farmacêutico levanta-se em trajos menores:

—Caso urgente?

—Sim, senhor. Queria pesar-me...

Na escola, o professor:

—Porque tem tão má letra o menino José?

—Não sei... O meu pai dá-me todos os dias uma lição de caligrafia...

—E o que é o seu pai?

—Medico!

—O que ofereces este ano á tua sogra?

—Um jazigo, no Alto de S. João!

—Gostas desta joia?

—E' muito pequena.

—E' para tua irmã.

—Olha que não é tão pequena como parece...

—Como me reconheste, se deixei crescer a barba e trago oculos?

—Pelo guarda-chuva que ha dois anos te emprestei...

—Pobre amigo! Perdeste a tua mulher?

—Foi como se a perdesse. Não sei onde está...

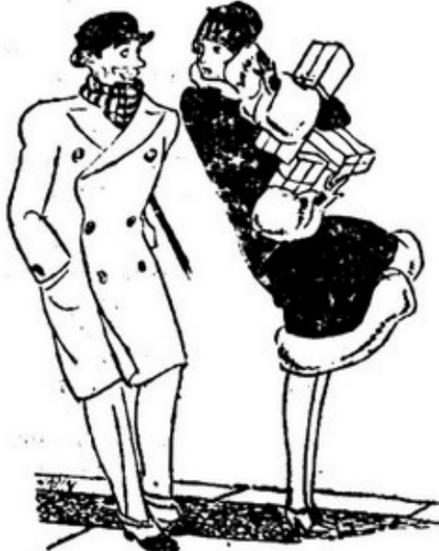
—Não é higienico teres a cavalaria ao pé da cosinha.

—Pois vê lá como são as coisas: até hoje ainda não me morreu nenhum cavalo...

—Isto é carneiro, rapaz?

—Sim, senhor!

—Então, que terei eu comido toda a vida com este nome?



—Minha senhora, eu posso oferecer-lhe os meus serviços.

—Ah! tenho muita pena, mas dei os ultimos tostões de gorgeta ao chauffeur do taxi.

O Bolo-rei

Aquele namoro já durava ha seis anos bem puxados.

Zofimo tinha-a visto no «Olimpia» a enxugar os olhos aos buraquinhos da renda do lenço, num intervalo de uma fita patética, isto é: pateta de Pathé.

Ela, a joven e abundante Zélia vira-o por um dos tais buraquinhos, igualmente comovido como burro, daí a scantolha.

Elo seguiu-a, pensando que aquela succulenta joven era um partidão, e ela botava-lhe o rabinho do olho, ao que elle correspondia com o idem arregalado... e foi assim que elle começou a ser feliz.

Longe de mim a ideia de bisbilhotar o namoro em todos os seus tramites. O facto é que Zofimo e Zélia amavam-se copiosamente, sob os auspícios das respectivas familias, pois que, haverá cinco anos, Zélia fôra pedida pela mamã de Zofimo que, como bom funcionario do ministerio da marinha, embandeirara em arco nesse fausto dia.

Pouco a pouco, elle foi comprando moveis, ella ia alinhavando o enxoval e tudo adiantava, mas a crise de habitação era um entrave terrivel ao encortamento do amorudo casal.

Durante todo esse tempo, elle arrancava ás suas magras economias as despesas inerentes ao seu cargo de noivo, a que elle chamava a contribuição suntuaria, ou seja boiinhos para a chásada familiar ao som do gramofone, bilhetes para o cinema (só a sêco, é claro).

Ora succedeu que, no ano passado, no dia de Reis, Zofimo, ao cortar-se as talhadas do bolo, foi proclamado Rei eu, para melhor, foi á fava, caí-lhe a dita.

Muita risota, muita festa: que elle era o rei e que, por dever de realza, tinha, no proximo ano, que comprar o bolo... mais uns escudos de suntuaria!

Sexta-feira passada, depois de graves locubrações sobre o tamanho do bolo em questão, saiu de casa ás quatro horas, levando na carteira varias notas autenticas, caruzianas, duas de peito que até metiam dó ao peito mais empederado.

Entrou numa confeitaria e comprou um bolo de setenta centímetros de diametro por trinta e dois escudos, bolo que o continuo da sua repartição (que, por sinal, era intermitente, pois gaguejava) iria levar a casa de Zélia, na rua Ferreira Borges, o que não o incomodava nada, visto que, nesse mesmo dia, tinha que fazer outro frete para aqueles sitios.

Zofimo deu ainda algumas voltas e, ás 6 em ponto, dava ingresso em casa da noiva.

Mal sabia de que esse dia festivo seria o ultimo da sua felicidade!

E' bem não esquecer que o inter-

mitente continuo tinha que fazer outro frete para aqueles lados, que era acompanhar um amigo aos Prazeres, não carnis, mas sim ao cemiterio dos ditos.

Este amigo, ex-noivo, ia depôr uma saudosa corôa sobre a campa da sua defunta noiva, para solenizar o aniversario natalicio da morte dela... Era um ex-futuro viuvo inconsolavel... Ainda os ha!

Antes e depois do piedoso acto, o continuo e o amigo liberam em varios tascos variadissimos copinhos e assim era que até o amigo estava bastante intermitente com o continuo bebericar e o intermitente continuo idem, aspas.

A's 6 horas, era já noite fechada, dizia Zélia para a mãe:—«Sinto alquem subir a escada, é o Zofimo que ahí vem... E de facto era Zofimo que, contra a expectativa goral, entrou de mãos a abanar.

Chovem piadas: «Então o bôlo?», «Que rei tão manhoso!», «Olha o forreta», etc. Mas, breve, Zofimo todos acalmou com um gesto nobre e, em ar de Hamlet, proferiu:

—Zezé (era assim que elle tratava Zélia). Dá ordem á criada para que receba o que o meu continuo (e sublinhou «o meu continuo») ha de trazer daqui a pouco.

Zélia saiu a transmitir a ordem e, minutos depois, aglomeravam-se em volta da mesa os convivas.

Rompe a canja fumegante, feita com a carcassa do peru, que fôra a perua v'itimada pelo Natal e o jantar continuou.

Quasi findo o banquete, ouve-se bater á porta. A criada avança pelo corredor e, momentos depois, entra na sala de jantar ajojada ao peso dum embrulho de papel de seda branco, com fita lilaz, a côr preferida de Zélia.

Sensação ante os setenta centímetros de diametro; espaço feito no meio da mesa. Uma faca experiente corta o laço lilaz, rompe-se o papel de seda e... ó ceus! Uma grandecissima desgraça de setenta centímetros e uma expulsão em fórma do pobre Zofimo.

O embrulho era uma corôa de perpetuas róxas, com um laço de fita lilaz onde, em letras de ouro, se lia:

«A' minha chorada noiva, Saudade eterna»

No dia seguinte, entre os casos do dia, podia lêr-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

IMPIO DESACATO

«Uns graciosos de mau gosto deixaram ontem, no Cemiterio dos Prazeres, sobre a mutilada cruz duma campa, um bôlo-rei. Da investigação sobre os autores da graça macabra foi encarregado o habil agente «N.», que tem já uma pista segura.»

Tom.



—Então, já sabe? A vizinha do 2.º andar teve o seu bom sucesso.
—Rapaz ou rapariga?
—Mulato.

Quem empresta... não melhora

Fabião Navarro era um bibliófilo d'alto lá com o charuto. Tinha a obcessão do livro. Possuía uma das mais vastas bibliotecas de que ha memoria. Todos os autores se encontravam nas suas estantes, não faltando, é claro, os nossos.

Os amigos admiravam-se como era que Fabião, sendo simplesmente chefe de repartição, podia apresentar livros cujo preço elevado quasi attingia o ordenado mensal.

Algumas vezes succedera polirem-lhe qualquer obra emprestada, mas Fabião recusava sistematicamente, alegando mil desculpas, desculpando-se com o muito amôr que tinha aos seus livros, os quais obtivera, dizia elle, com sacrificios irreparaveis.

Diga-se em abono da verdade que Fabião Navarro aumentara a sua biblioteca durante os anos em que desempenhara comissões de serviço em diversos paises.

Fabião falava varios idiomas e tinha uma bonita apresentação; daí o ser escolhido para o desempenho de missões em que a sua casaca e a sua lingua faziam brilhante figura. Teve na mocidade alguns romances de amôr, mas, mesmo assim, na vertigem das suas loucuras, os livros prevaleciam a tudo. De regresso duma das suas viagens á America do Sur, Fabião desembarcou no Alfandega quatro caixotes de tamanho respeitavel contendo livros. E durante os primeiros dias não saiu, não conviveu. Todos os momentos dispoiveis os dedicava a arrumar as obras, catalogá-las, dispô-las nas estantes por nacionalidades dos autores.

Era tal a mania de Fabião que, para que nada lhe faltasse, até tinha livros de mortallas. Desde o velho *Duc* até ao moderno *Zig-zag un.º ré*, com escala pelo alcátrão e pelo Satin, tudo possuía.

Um dia, um amigo de infancia foi visitá-lo. Fabião mostrou-se encantado com a inesperada visita, pois não se viam ha alguns anos. Mostrando Fabião ao amigo a sua biblioteca, este ficou maravilhado e, tendo descoberto numa das estantes um livro que tinha muito empenho em lêr, pediu-o emprestado. Apesar da velha amizade que os ligava, Fabião hesitou, pretendeu disfarçar, mudou de assunto; porém o amigo, vendo naquela dissimulação uma recusa, disparou esta frase:

—Acaso tu receias que eu não te restitua o livro?

E Fabião retorquindo:

—Eu não duvido de ti mas, sabes, é que esta biblioteca foi toda feita com livros emprestados...

M. A. Caco Velho.



—Que interessante ella fica de meio luto.

—Sim, mais interessante ficaria se tirasse o outro meio.

Elevador da Gloria

Boas criadas ainda se encontram, menos que antigamente, porque os costumes andam muito transtornados. Enfim, procurando-se bem, sempre se encontra. Mas nenhuma que seja melhor do que Joana, a robusta, côrada e loquaz empregada do antigo conselheiro Matoso Dias. Ela ologiava-o sempre; ele fazia outro tanto. Graças a Joana, a mesa do conselheiro era bem servida, a tampa igualmente, porque, para contentar o excelente patrão, ela estendia todas as manhãs os melhores lençóis, com a leveza duma casta e enamorada pomba...

Todas as noites, no fim do jantar, o conselheiro, que gostava de demonstrar a profundidade dos seus latins, fazia uma saudação á criada, dizendo:

—Tibi, Joana!

A serviçal andava bastante intrigada com o tibi diário. O que significaria? Uma pontinha de orgulho adoçava-lhe o sorriso guloso e assucarado, quando murmurava: *tibi tibi!*

Ora, um dia, o conselheiro Matoso convidou para jantar em sua casa um amigo pouco íntimo, mas muito galhofeiro.

Era o dr. José Silva. Sessenta anos puxados. José Silva antecipou-se á hora, o que lhe permitiu trocar alguns galanteios com a Joana. Foi então que esta se lembrou de perguntar a significação de tibi. O dr. José Silva fez uma cara terrível, indignada, e respondeu em voz baixa:

—Ah! mas a menina consente que o conselheiro lhe diga uma coisa dessas?

—E que?

—É uma palavra muito feia que não se diz a ninguém, tanto mais a uma mulher séria como a Joana.

Nesse dia, o jantar foi tempestuoso. Joana partiu dois copos, entornou a sopa, apresentou a carne queimada e serviu o conselheiro de repelão. Quando vieram os doces, Matoso Dias, impertubavel, depois de ter brindado a excelência dos manjares, para o amigo José Silva não estranhar a intimidade que se seguia, proferiu magestosamente:

—Tibi, Joana!

O que então se passou é difficilimo descrever.

Como o conselheiro Acacio, Matoso Dias disfrutava o celibato com a serviçal. Joana, julgando-se ofendida, esvaziou o que tinha nos bôcos.

—Tu tratas-me de tibi porque pensa que não sei o que a palavra quer dizer? Tu julgas que pertencos aos da tua laia, desavergonhado! Se eu sou tibi, a ti t'o devo, ouviste!

Um grande reboiço coroou esta scena de efeito. José Dias tinha caído em cima do sofá, reboiando-se numa gargalhada homérica que o conselheiro, indignado, procurava sufocar, não sabendo a causa...

AS MELHORES CEIAS

são as da **PENINHA**

Os melhores jantares ao domicilio

são os da **PENINHA**

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estefania)



—Que terrível pesadela. Foi dos escombros, com certeza. Para a outra vez só os depósitos...

O ano de 1928

Vaticinios dum moralista

Agora que nos jornais e revistas do estrangeiro começam a aparecer as previsões das grandes videntes para o ano de 1928, *Sempre Fixe*, órgão official do humorismo português, não pode deixar de procurar saber as novidades que o novo ano nos proporcionará. E assim, á falta de videntes de 1.ª classe e devidamente diplomadas, ouviu, numa das grandes arterias citadinas, o inegualavel orador e conceituado profeta Pinheiro de S. Mamode, mais conhecido pelo *Pinkiro Maluco*. A' nossa pergunta sobre o que seria o ano de 1928, o popular caudico do Bem e da Virtude exclamou:

—Pois tambem tu, ó porco, queres saber o que sucederá? Pois vais ouvir, miseravel irmão canalha! As porcas, para o ano, serão ainda mais desvergonhadas do que já são. Haverá ainda mais odios e invejas entre os irmãos, que se deveriam amar. E ouve, ó canalha! O dinheiro, esse agente porco do luxo e do prazer, continuará a ser o rei do mundo!

Em redor de nós aglomerava-se já enorme multidão. E como passassem nesse momento os srs. drs. Julio Dantas e Ferreira de Mira, o Pinheiro, indicando-os com a bengala de junco, proseguiu:

—Olhem para aqueles dois irmãos! Um, tão bonito, o outro, tão feio! Nada é relativo neste mundo miseravel! Para o ano proseguirão estes contrastes e a canalha ordinaria não

se emenderá e só ligará importancia á pandega e ao deboche! As mães continuarão a levar as filhas, pintadas e de saias pelo joelho, aos centros de perdição! Muitas criancinhas continuarão a passar necessidades, preguntando aos pais para que as fizeram vir ao mundo! Haverá mais *jazz-bands*, mais musica do inferno, mais autros da desgraça, mais porcaria! Continuará a haver irmãos detentores do dinheiro de todos nós, enquanto outros morrerão á fome! Os canalhas galeiros construirão mais predios nas Avenidas e as porcas pantomineiras continuarão a enriquecer com o trespasse das casas que não são delas! Os porcos continuarão a perseguir as porcas e a privarem-se da sua liberdade por causa delas! Nascerão mais inocentinhos, abrir-se-hão mais casas para os irmãos estudarem e virom depois cá para fóra causar o mal dos outros irmãos e o vicio continuará causando milhares de victimas, se não houver mais irmãos que, como eu, se dediquem a esta missão tão ingrata de prégar o Bem e a Fraternidade!

Tinhamos ouvido o suficiente. Retiramo-nos, dispostos a aguardar que o novo ano surja, para assim reconhecermos da veracidade das afirmações do Pinheiro que, de braços abertos, seguiu rua abaixo, a inerepar os irmãos...

T. les Copie.



—Para que estará aquele palerma a pedir a minha mão á minha mãe. Se m'a pedisse a mim, eu não lh'a negava...



Um judeu que o sabe ser

Dois judeus, Abraão e Jacob, encontravam-se em Paris, na maior afflicção, porque, devido á tempestade que se desencadeara sobre a Mancha, os barcos que habitualmente fazem a travessia recusavam-se nesse dia a fazê-la.

Baldados eram todos os esforços e oferecimentos de dinheiro para que algum barco atravessasse o canal, e disso se foram os judeus queixar amargamente ao capitão do porto, dizendo-lhe os prejuizos que lhes acarretaria o não lhes ser possível partir naquele dia para Londres, onde os esperava a assinatura dum contrato importantissimo que, como tinha um prazo marcado, ficaria sem efeito se não comparecessem.

O capitão, prestavel, com um sorriso, respondeu-lhes:

—Se não lhes importasse ir de avião, eu conheço um aviador civil muito excentrico que só costuma atravessar a Mancha exactamente quando, como hoje, ha tempestade. Eu apresento-os, se quizerem, porque talvez cheguem a um scôrdo.

Resolvido o caso, Abraão e Jacob foram apresentados ao aviador, que lhes propôs o seguinte:

—Levo pela travessia 2.000 libras, com a condição de não falarem durante a viagem; no caso de não ser satisfeita esta clausula, pagam outras 2.000 libras de multa, para os meus pobres...

O aviador, ao principio, fez o possível para que os judeus, mudos e quêdos, falassem, mas nada conseguiu porque eles sabiam melhor do que ninguém o que isso lhes custaria. Quando viajavam já sobre Londres, o aviador, dirigindo-se ao Abraão, que lhe ficava mais perto, disse-lhe:

—O' senhor, pode falar porque já não paga a multa. Estamos sobre Londres.

Então, Abraão, com um ar muito contristado, respondeu-lhe:

—Ora ainda bem que posso falar, porque estou muito aflito. Ha mais de meia hora que Jacob caiu ao mar. Mas eu não podia falar...

DIZ-SE

que o sr. Alberto Xavier vai ser contratado para o etatro da Trindade...

—que varios jornalistas, entre eles o Martins dos Santos, foram convidados para ir á Média...

—que o Martins dos Santos respondeu:—Já no ano passado o Correia Marques me mandou... eu não fui...

—que a *matinée blanche* da *Black Folies*... foi absolutamente preta...

—que o 7 1/2, pelo andar em que vai, ainda chega a 31 ou mais.

—que o Erico Braga, daqui para o futuro só aceita peças de Alberto Barbosa.

—que continua difficil o parto e a autopsia dos documentos paincleiros...



—Desgosta-me que fales sempre mal das sogras.

—Eu não falo mal da tua. Só falo da minha.

Cine-Fixe Modo economico de fazer fortuna

Matinée das quintas-feiras

Chegou o mês de Janeiro, os gatos 'stão nos telhados fazendo um grande berreiro, com os rabos emplumados.

E' uma doença magana, anual na bicharia, mas que na raça que é humana acontece dia a dia...

Outro caso semanal sem ter assunto satírico: Foi um chá sensacional intitulado o Chá lirico...

Mas o filme português fabricado no estrangeiro é que dentro mais de um mês vai haver muito dinheiro...

A segunda parte segue imediatamente)

Outra fita, meus senhores, que é de grande actualidade: São os escarumbas actores no teatro da Trindade.

O que eu sei é que eles dão, no modernismo latente, a prova desta asserção: —o preto tambem ser gente!...

A terceira parte segue imediatamente)

Com respeito á situação, se uns dizem, ah, que sim... uns outros dizem que não...

FIM

Jotabê.



—Você não jogou?
—Não, senhor. Mas, se tivesse jogado, não é você decerto o gordo.
—Com certeza, mas a aproximação. Não lhe fazia mal algum.

Conheci um rapaz, um autentico pobre diabo sem vintem, que a todo o momento pedia emprestada uma «rôa» aos amigos, a tal ponto que era impossivel andar com ele, e eu cheguei mesmo a fugir do e encontrar. De todo o modo sempre fui cravado frequentes vezes e nunca lhe negava os cinco tostões pedidos. Diziam-me ás vezes que ele era esperto, mas eu não acreditava. Considerava-o um desses muitos parasitas da nossa Lisboa e não lhe ligava grande atenção. Por isso, podem v. ex.ª calcular o meu espanto quando ontem vi o Nunes, Chiado acima, impante de gôso, dentro dum fato novinho em folha, «pneus ballon», um bom feltro, enfim parecia um filho dum rico burguês sem preocupações, espanejando a sua elegancia para deleite das «écias lisboetas. Acerquei-me dele resolvido a tirar a limpo o misterio:

—Olha o Nunes! Vival Como está você? Mas que mudança! Saiu-te a sorte grande ou herdaste dalguma tia rica?! Como diabo arranjaste isso?!
—Eu te digo. A ti conto-te como arranjei fortuna, porque nunca me negaste nenhuma «rôa» quando habitualmente te chateava. Podes agora vir comigo sem receio; já não preciso de te cravar mais.

Seguimos rua Nova do Carmo abaixo e fomos abancar a uma mesa do «Martinho». Então o Nunes começou:

—Tu tens com certeza reparado que ali, no Rossio, existe uma fauna só encarregava de massar o transeunte para lhe entregar papéis, papelinhos, papeletes, anuncios, manifestos, enfim o diabo...

—Olá se tenho reparado! Odeio até aqueles diabos, sempre a massar o indigona com os papelinhos...
—Pois eu tambem pensava assim, mas um dia comecei a ver ali uma fonte de riqueza inaproveitada e meti mãos á obra. Puz-me em campo e no primeiro dia trouxe logo para casa alguns quilos de papel! Eram uns manifestos da Protectora protestando contra os touros de morte, depois um anuncio duma fotografia, uma carta aberta ao ministro do Interior, uns papeletes exaltando as excelencias do «Veramon», etc., etc., uma imensa papelada. Passei a tarde para traz e para diante e, de cada vez que me cruzava com um daqueles melros, era certo e sabido: entravam mais tres ou quatro papelinhos para a algibeira. Depois os papeis mudaram; agora era o programa do Alhembra ou do Pavilhão Português; depois um reclame da Sapataria Portugal ou então outro papelucho qualquer. Ia metendo aquela papelaria toda nas algibeiras e depois vendia-a. Agora já tenho gente a trabalhar por minha conta. Uns andam pela Baixa fazendo este trabalhinho, como eu andei já; outros andam pelos escritorios recolhendo o conteúdo dos cestos dos papeis velhos. Uma grande empresa formada, sendo eu o director. Sou, enfim, capitalista e, quando precisares, tens a minha carteira ás ordens...

Em minha opinião, não se podia arranjar melhor ministro das Finanças em todo o Portugal, ilhas adjacentes e colonias do que o meu amigo Nunes

Zé Diabo.

!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8000

Deposito-VICENTE RIBEIRO & C.ª

R. dos Fanalões, 84. 1.ª. D. Lisboa



O "SEMPRE FIXE" daqui a 50 anos

A secção que hoje inauguramos dará, estamos certos, imenso gaudio aos nossos leitores presentes e futuros; a estes, por verem a segurança das nossas previsões; áqueles, que assim, sem terem que estar á espera tanto tempo, saberão ao certo o que, de importante, acontecerá dentro do meio seculo.

Graças aos nossos modernos sistemas scientificos de jornalismo, bateremos todos os records da reportagem.

TEATROS. —

Faz parte da nova companhia que brevemente se estreia no S. Luis a distinta actriz Auzenda de Oliveira. A peça de inauguração será *A Casta Suzana*.

— Continua em pleno exito na Avenida a revista dos falecidos *Irmãos Unidos*, *Agua-Pé*.

— Os fins de festa no Trindade continuam chamando tudo quanto ha de mais selecto no nosso publico. Erico Braga, num *deshabillé* imensamente artistico, dança um batuque guerreiro estilizado. Lucilia canta algumas canções gentílicas em kirabundo, dum grande sentimento.

— Faz amanhã 25 anos a grande tragica-tonadillera Palmira Bastos.

— Lino Ferreira, Lopo Lauer, Silva Tavares e José Barbosa estão terminando uma peça bairrista intitulada *O Poço do Borratem*, que destinam ao teatro de S. Carlos.

— No Maria Vitoria estreia-se dentro em dias uma grande companhia de opera alemã. A opera de inauguração é o *Parçifal*.



—A' primeira vista parece tota.
—E depois?
—Depois já não parece. Tem-se a certeza...



O sr. Serafim dos Anjos, quando tinha de atravessar uma rua pela esquerda, estendia a mão d'esse lado...

... e se a travessia tinha de ser feita pela direita, então era certo vê-lo estender a outra mão.

A um amigo que o interrogou, respondeu: — «Foi a unica coisa que me ficou de quando tinha automovel...»

FADO DA "Semana dos Artistas"

Mote

Hoje, a festa mais falada, a que mais vai dar nas vistas, traz Lisboa engalanada, é a «Semana dos Artistas».

Glosas

Quem souber dar o valor a tão reclamada festa, nonhuma duvida resta que a acarinha com amor. A velhice do actor nunca está assegurada, que a sua Vida amargurada trilha p'lo juizo mais duro e é p'lo «Bem» no seu futuro hoje, a festa mais falada.

Quando virem as actrizes ao balcão, é so preciso ter dinheiro e p'r'um sorriso trocar momentos felizes. Tu decerto que bendizes os seus gestos altruistas p'las momentaneas conquistas entre a mais bela caixeira, porque uma actriz vendedeira é que vai dar mais nas vistas.

A vida nos seus horrores, desde a era mais remota, a que mais se esvai e esgota, é a vida dos actores. E o que escutar os seus clamores é uma alma abençoada, visto que vai de mão dada suavizar um mal futuro. E um sentimento assim, juro, traz Lisboa engalanada.

E' uma fôrma int'ressante de iluminar o tom palido do triste e do pobre invalido que fo' um comediante. Por isso, um sol radiante nos fere, risonho, as vistas com actrizes e coristas.

Dessa tão grande familia é a «Semana dos Artistas».

Reporter B.



—Mas porque não dás os bon-dias?
—E' impossivel. Deixei o boné em casa...



—Dizem que a vitima do atenta-do, que é medico, está assistido por sete colegas.
—Pobre homem! Sete. Que com-pletações lhe sobrevieram.



E' CAS! E' CAS!

O «Espadinha», bandarilheiro com alternativa e diplomado pela Esceia Taurina de «El Maléto», dava por paus e por bolas e ia aos arames da barreira quando lhe gritavam: «Ecas! Ecas!». Era uma coisa superior ao médo causado pelos touros, que tam-bom era superior! Que o assobiassem e invectivassem, que lhe atirassem lan-ranjas ou almofadas, e o «Espadinha» tudo perdoava. Mas se algum engra-çado do sol largava a piada «Ecas! Ecas!», o nosso homem ia aos ares sem necessidade de ajuda do touro.

Muitas vezes, quando o «Espadi-nha», fugindo dos bichos, se encara-va com qualquer autor da piada, pen-sei na explicação de tão acentuada quisil'a

E, um dia em que o apanhei a goito, fiz-lhe a pergunta ex-abrupto. O nosso homem, que é completa-mente bruto, supôs, de ontrada, que eu lhe dizia: «és bruto». Mas, socegado por mim quanto á expressão, dispôs-se a esclarecer-me acerca do que tan-to me preocupava.

* * *

A coisa foi assim: Começou o «Espadinha», verifican-do que aos melhores lugares das pra-ças dos seus triunfos—Moita, Alco-chete e Aldegalega—acudia, sempre que ele toureava, certa formosissima dama, que lhe sorria por forma inso-fismavel.

Correspondia-lhe o «Espadinha», brindando-lhe pares de bandarilhas que eram sempre meios pares e sor-tes de cadeira que acabavam em «cha-rola» porque o «diestro» era frequen-temente colhido em holocausto á gen-til admiradora.

Mas as homenagens do «Espadi-nha» não passavam daqui por enten-der que no decorrer da epoca não lho convinha chegar a situações que representassem quebra das suas «fa-culdades».

Ficara-lhe esta convicção de ter ou-vido um autentico «espada» afirmar que «das mujeres quitan las facultades». E ia entretendo o verão com atitudes completamente platonicas, enquanto não chegava o inverno.

Mas, chegado o inverno e deixan-do de ser toureiro, ainda que o «Es-padinha» fôsse o que se chama um «toureiro de inverno», retomou para todos os efeitos a plena posse das suas faculdades amorosas. Aconteceu, porém, não encontrar a dama por ignorar a sua morada. E em procura da ignorada admiradora andou até Fevereiro, gastando a paciencia e o dinheiro. E aconteceu que, gastando dinheiro sem o ganhar, chegou ao Carnaval com a indumentaria bastan-te reduzida e prejudicada.

Foi num baile de mascaras que se lhe acercou um dominó, gritando em fabête: «Não me conheces, não me conheces!» E o «Espadinha» conhe-ceu-a immediatamente. Era ela! E não mais a largou senão á porta do talamo conjugal, porque a dama es-tava conjugada com um feroz cacete que era parte integrante dum fero-cissimo e justificadamente ciumento marido.

E aqui é que «Espadinha» torceu a extremidade, porque o cacete veio surpreendê-lo naquela altura conhe-cida por «flagrante delicto».

—Rua!—rugiu a fera, mais negro que Otelô e mais bravo que um tou-ro—Rua!

—Deixe-me ao menos vestir as cuécas!—suplicou o «Espadinha», que estava na diafana nudez com que Adão vivia no Paraizo.

E começava pondo a parra indis-pensavel quando o mandatario, olhan-do o estado precario em que se en-contrava o sitio onde as cuécas nu-dam de nome, sibilon trocista:

—Cuécas?! Ecas! Ecas!

Perez la chaise.



—Aquele que ali vai é o meu marido.
—Ah! sim! Fntão faz de conta que não me conheces...



A celebridade é injusta, não me festejando-tambem no dia 6 passado. Vistas bem as coisas, eu sou um rei mago e magro como outro qual-quer, com a diferença de que, em vez de seguir uma só estrêla, no pu-ro ceu do oriente, adelgaço assusta-doramente a sola ás botas, palmi-lhando atraz de multiplas estrêlas e —honni soit qui mal y pense...—de não monos multiplos azes, cruzando no impuro e convencional ceu... ou baralho da cinematografia. Não vou a Belem ;orque não frequento senão cinemas chiques, mas vou ao Tivoli, em que ha *meninos*—ah!—Jesus, vir-gens, mulas e vacas, como no pre-sepe.

Correu agora por lá *O homem-môs-ca*. Cntrariamente ao que profetiza-va a epigrafe, a sala não só não es-te-*o ás moscas*, como bateu todos os records da receita. Ou não fôsse Har-rolld Lloyd o artista mais bem paga-do mundo, pois abielha, anualmente, a bagatela de um milhão o quinhun-tos mil dólares! Na escalada, o ho-mem dos oculos deixa o Nestor Lopes a perder de vista, e, no armazem, os habeis caixeiros do Grandela, com a vantagem de ser muito mais bem educado.

O querido de todas é o nosso Pe-trolio Menjou, a quem chama «o Adolphe da tela».

O Odéon, para rivalizar com o Har-rolld, chega-nos Baster Keaton: *Bo-zeur... por amor dela*. Evidentemen-te, ninguém é bozeur por amor do canastro. Desta vez, não admira que Pamplinas nunca se digne sorrir. Encaixar um *swing* nas ventas *avec le sourire*, só o Santa Camarão. Ain-da não chorar, como o Cruzes Coe-lho...

Tambem o Odéon está com *A môs-ca... negra*. Fenomenos da concorren-cia!

O Politeama sempre se decidiu a voltar, provisoriamente, ao teatro... filmado. Lá temos *A Revista das Re-vistas*, a que os lisboetas podem ir, na certeza de que, ao voltar a casa, toem que aturar a mulher com ciu-mes da porna da Erna Carise, da coma da Komarova e do Baker da Josephine.

No Olimpia tivemos *O Incorrigivel* Douglas Mac Lean, um *Cabaret* a guizar para agencia funeraria, uma *Nova-York* a pedir reforma com o Ricardo Corter, cognominado «O Rei dos Estafermos!»

E no Central temos agora nú artis-tico. Não dizemos quem é *A Mulher Nua*, para que o Freire não deixe de fazer negocio com o Felix Correia. Assim, talvez ele se habilite com uma primeira fila, na esperança de des-vaptar a L... N... Mas, aqui para nós, volta *brédouille*. O mais que ele poderá ver é... um canhão!

Retardader.

OS CONSCIENCIOSOS



—Antes de entrar, queira Empar os pés.



O que se diz e o que se não deve dizer...

Kikiriki faz um remate de kákaráká

Da agua-furtada do camarote do camarote da imprensa, no Estádio, veem-se coisas extraordinárias.

Veem-se os jogadores muito pequenos, com uns ramos de flôres muito grandes. Veem-se muitos fotografos. Vê-se o Rosmaninho a lineman, com os bigodes nas sobranceiras. Veem-se os policiaes e os guarda-republicanos. Veem-se os relevés armados em pregadeiras de alfinete, com muitas cabeças...

Na vertical, via-se uma senhora, com um colo muito para vêr...

Tambem se via o dr. Salazar Carreira que, visto de longe, é absolutamente silencioso...

Os espanhóis principiam por ganhar na escolha do campo.

Os nossos saem e vão passear até á ponta direita. Zaldua manda-os outra vez para casa.

O motor de alta rotação de Cesar tem um falhanço nas velas e Kikiriki faz um remate de Kakaraka.

Cipriano tem que fazer e Zamora tambem.

Mas, como a coisa não se resolve, o arbitro, para animar, descobre um penalty a nosso favor.

José Manoel manda uma grande buza—e o rey de los porteros não se mexe, para não queimar os dedos.

Fica toda a gente muito contente e o sr. Cox ri á suecapa...

Cinco minutos depois, o inglês applica o conhecido principio dos penalties em casos comunicantes. E empata outra vez o jogo.

O publico cala-se. As grandes dores são mudas...

Zamora continua a ter que fazer. E, durante uns momentos, os espa-

nhois tentam fazer a barba, sem sabão, aos nossos...

Samitier começa mesmo a trautear o Barbeiro de Sevilha, mas o Carlos Alves canta-lhe a Maria da Fonte e nuestros hermanos desistem dos concertos...

Quando acaba a primeira parte, nem os trinados do Trino se ouvem.

Intervalo. Comentarios. A asneira é livre...

Voltam os jogadores e o arbitro e capitão do exercito inglês.

Como estamos em dictadura, ha generais nos camarotes e três capitães no campo!

Saem os espanhóis. O primeiro quarto de hora é uma maçada em ponto grande.

Após o que: Goiburu marca o unico goal decente da partida.

No segundo quarto de hora, os nossos andam á vara—e os espectadores tambem. Durante este tempo, os ata-

cantes estrangeiros tem ocasião de fazer umas demonstraçõesinhas de navegação aerea por trigonometria.

Cipriano:—cae-lhe o cabelo três vezes seguidas! Os backs é que lhe servem de tonico capital...

Saem os apitos do ultimo quarto de hora. Os nossos half-backs começam a empurrar aquilo tudo adiante de si. Augusto Silva joga... que chega para uma casa de familia. Sami não chega a ser semi...

O proprio Waldemar deixa de ver o Wale de Lagrimas que tem sido e tira dois centros.

Mais umas jogadas. Corner contra os espanhóis. Zamora faz o quite em hastes lmpas.

Falta um minuto. Os nossos avançam. A creança da esquerda faz um centro que não é nenhuma creança. Victor Silva arma em tabela. Confusão. Zamora não sabe bem para que lado se ha de voltar e João dos Santos enlata o goal do novo empate.

O publico endoidece. E o juiz tom o bom senso de acabar o jogo, por estar esgotada a lotação em Rilhafoles.

O illustre secretario da Federação de Foot-ball, entrevistado para o Diario de Noticias sobre o grande match, disse:

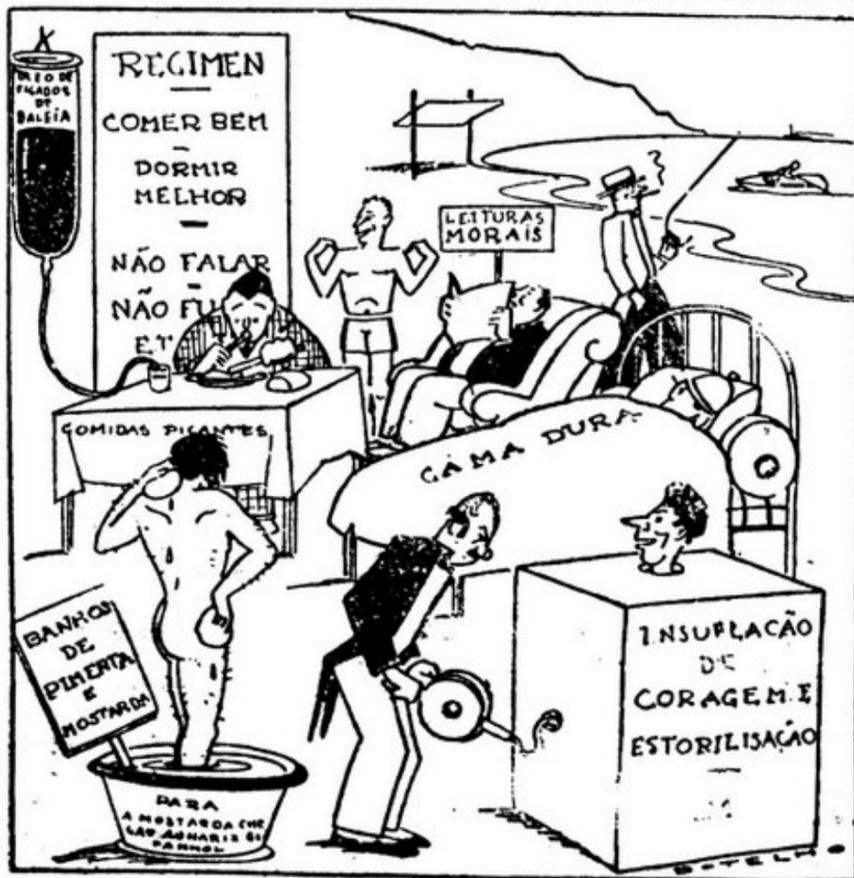
«Recibi o resultado da forma mais agradabilissima.»

E' o que se chama uma opinião muito divertidissima...

Como toda a gente entrevistou o inglês Cox, fomos tambem ouvi-lo sobre o jogo, após o banquete. Emitiu uma opinião profunda e definitiva:

«Very good... Port-Wine... muitos golos.»

Rebola-A-Bola.



A «estorillização» dos jogadores deu optimo resultado



Zé da Mó, tendo perdido o comhoio, resolve ir a Madrid no avião Junkers.

Duas horas depois, pouco mais ou menos, estará em Madrid a fazer os seus negocios.

A viagem decorre admiravelmente, com o que Zé da Mó vai muito radiante!

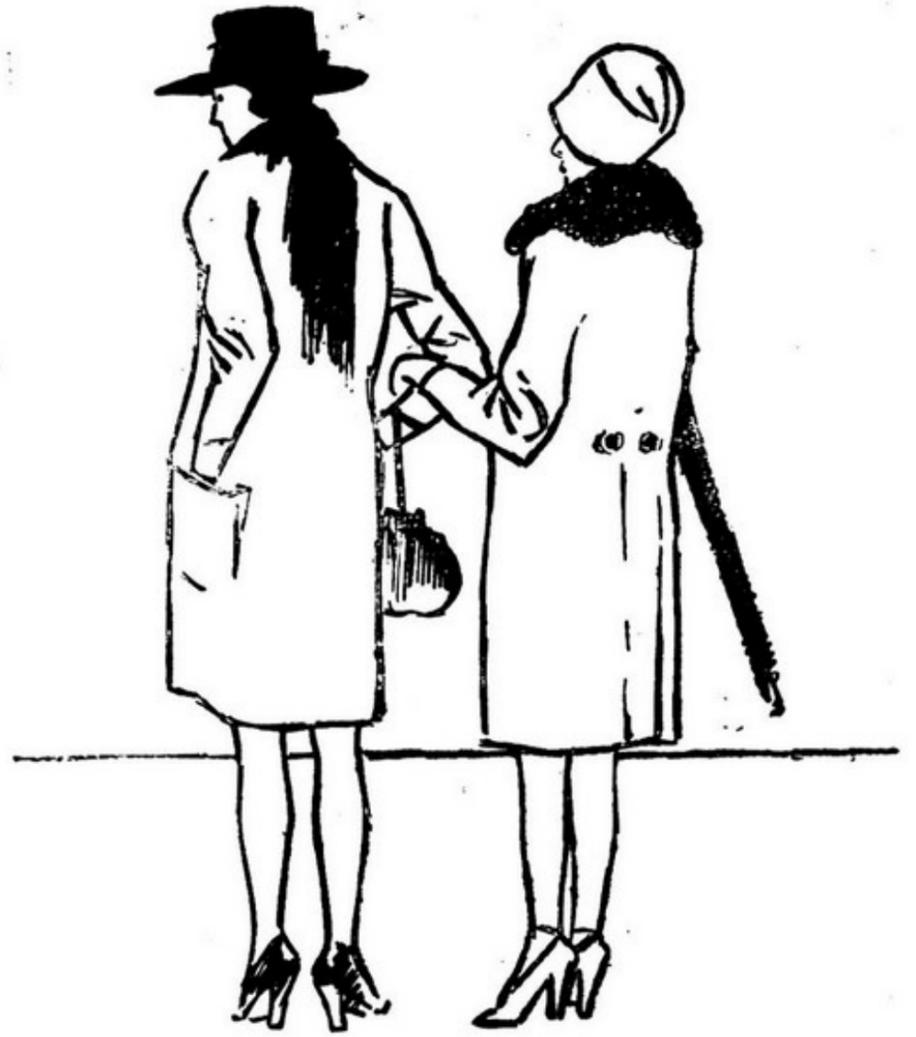
Mas... a alturas tantas pede ao piloto que pare para ir lá fóra satisfazer uma necessidade!...

Gente sem decôro



- Quem será aquele, mãesinha?
- Pela aparência, deve ser o cavalheiro... das mãos irresistíveis.

Gente dos côros



- E' tardissimo. O que vale é que tenho só o casaco em cima da pele; é chegar, tiral-o e... entrar logo em scena.

Precocidade



- Receio de que, quando já estiveres a voar, tenhas medo.
- Medo, eu? A primeira vez que avoel de casa tinha 14 anos e não tive medo nenhum...

Precaução



- A que cinema vais tu com tua mulher vestida dessa maneira?
- Porque?
- Para eu ir a casa calçar umas luvas de box.